

mis-tela no teatro

tela no televisor teatro dos 220 watt de corrente na auto estrada com degraus sumindo-se no degrau subindo nus actores vestidos com rosas despidas e vão desempenhar o papel que não sabem porque não têm memória da coisa alguma e irão fabricar memórias mecánicas sonhar num fumo de cigarro que não queima porque o seu autor morreu antes de escrever a peça o romance o conto a novela mas disso falaremos quando não houver tempo que roda em cada membro nos tentáculos das ventosas e que agarram o mundo às golfadas e metem pelos olhos cegos de escuridão tudo aquilo que veem demais ou que lhe foge m ao ler os jornais plenos de palavras nenhuma

mis-tela no teatro da cidade que espera a menor idade para fugir de casa porque se fugir agora não é procurada e pode votar à vontade no seu corpo pois fica proclamada na mente as leis da liberdade e a urna está havendo luta de vontades que se roçam nos ossos pegando fogo ao fogo fogaz do gás da cidade que cozinha a da gente prene par indo em autocarros descapotáveis atirando a vida pela janela do universo

um dois três e três dois um rebanho onde cada rês é uma jovem pessoa com cornos a mais fazendo teatro na cagadeira num quarto quarto lugar da classificação de banho num quarto andar no quarto prédio do quarto arranha céus a quarto biliões de pessoas que oram com a cabeça espetada na terra e pés apontados para os deuses da anti-guidade e actuais que também têm cornos cintilantes cagam numa cagadeira enorme onde se podem sentar à vontade e a merda choca com a merda da rês jovem que não pode estacionar os cornos no ar e colocou-os na cagadeira mostrando o cu nu universo e desse choque a luz cintila lá no fundo de qualquer coisa

a plasticidade do plástico que encena o teatro telefone do mundo sem que se consiga comunicar com sigo como um ondular de ondas microscópicas que por mais que se abra a porta a sala está sempre fechada e os actores dementes têm uma saúde invejável que inveja os saudáveis tal como a salitre que navega na água pensamento das lágrimas do oceano é uma plástica operação a quem quer que exista onde tão real é o ser como a sombra ambos fazem os mesmos movimentos pensam da mesma maneira agem igualmente sempre em razões diferentes e vistas ao espelho da interrogação a resposta é uma imagem interrogação

passo passei passarinho sem asas e a tempestade lava-lhe a vida o seu corpo está escrevendo na memória do tempo e os actores vão entrar em cena e tomam café todos os dias no segredo do sabido

não acredito em ti amor e no amor despido sob o leito de penas poucas loucas nascerá o escritor sem palavras com vontade de matar os focos de infecção que nos mordem passaram nove meses no teu coração e o nosso filho bro

ta na linda menina dos teus olhos com um sorriso obscuro e lânguido

isso calmamente sem que ele repare tira-lhe os olhos pega-lhe fogo ao cabelo que está nascendo corta-lhe as mãos os pés deita-lhe alcatrão nos ouvidos isso ficará livre da tropa o nosso filho é o nosso inválido e não te esqueças de arrancar a língua e o interior e lava-lhe esse sorriso com ácido sulfúrico não lhe dê moral isso leva-o à sociedade que o espera

aprovado

vocação carregador de embrulhos e entulho

o escritor nasceu

pega na máquina de escrever e palavra o primeiro acto em que entram o seu pai a sua mãe e ele ele é o centro de toda acção o pano sobe e desce desce e sobe e os velhotes andam à pancada e matam ele continua a escrever e ele levanta-se com a faca espetada no coração porque o não têm está limpo mas os velhos cortam-lhe a cabeça mas esqueceram-se dele o desarticulado e continua a escrever foge de casa levando-a com e a cabeça debaixo dos membros fim do primeiro acto

o segundo acto aparece sem pano e ele instalado com a sua casa na plateia matando a maior parte das personagens e os velhinhos batem-se despidos na sala nua do palco ele continua a escrever e ruburiz-se e a excitação sobelhe ao nariz obrigando-o dar um espilro nuando com lágrimas as pessoas que também estão excitadas e os seus pais contínuam a procurá-lo no seu corpo para o calar posi ele não sabe escrever e o segundo acto o fecha quando a polícia sociedade entra no teatro que está enserindo nela para pedir uma explicação e eles espetam a cabeça na vergonha não há palmas só no terceiro acto

que começa ele escrevendo o último acto e as personagens estão todas aterefadas aldeias vilas cidades dançam e ora m ao deus não para saber o feito do seu filho muito amado e vão todos os dias bancos às confeitarias às igrejas cafés aos pronto a vestir às a tudo e brincam com armas insinceras matando-se uns aos outros nascendo nus outro dia que é o anterior ou antes o hoje que não daqui a um momento mas um momento passado que está aqui agora e morrem também com doenças incuráveis curáveis e tudo é fumo que ele o sufoca porque esqueceram-se de lhe tapar o nariz e ele continua a escrever sem membros dedos e escreve muito mal e as personagens levam bofetadas de loucura que não cura os panfletos que lhes lava o rosto e vê seus pais fornicando em cima de uma nuvem de dinheiro para fabricar um outro melhor filho e espalham todo o teatro com esperma que lhes cai em cima e borra a peça de teatro que se dilui e ele louco pega na m

áquina

de escrever e mata os personagens e ao seu dele enterro a um cemitério com flores e coloca-as em cima do pescoço e as aves fogem batendo palmas fim do terceiro acto